

O inconsciente não sem a modernidade¹

Jean Charmoille (Insistance)

O que será prejudicial em nossa modernidade? O poder das imagens. Nós seríamos vítimas de sua onipresença.

Demais, é demais. Diante da evidência do pensamento da maioria, Jean-Luc Godard sai dos bastidores e aparece na cena mundial para clamar aquilo que a tagarelice comum não pode dizer:

“Hoje, a imagem quase não existe. Por outro lado, há muitas palavras sobre uma imagem (...) hoje, não são mesmo as imagens que fazem a lei, vocês poderão lhes acrescentar qualquer comentário, não importa: elas são boas meninas, elas são gentis, o cinema não é por si mesmo mau (...) dizem que não se vê senão imagens por toda a parte, mas não se vê uma imagem que fale com você.”²

O que é uma imagem que (nos) fale?

A esta questão que nos deixa estupefatos, Julien, um menino de cinco anos, respondeu um dia sem saber.

No só-depois, ele se surpreende relatando o seguinte:

“Os progressos da medicina e da cirurgia me permitiram tratar os defeitos congênitos com os quais nasci, mas, curiosamente, não puderam me permitir conseguir o controle sobre meu esfíncter. É por esta razão que minha mãe me levou a um psicanalista.

Falando com ele durante um ano, cheguei a pensar que eu não confiava no que os médicos me diziam. Eles só estavam interessados na avaliação daquilo que eu representava para eles, no progresso que mensuravam. Eles olhavam as imagens estranhas e delas faziam comentários usando palavras sábias.

Eles pensavam que eu não compreendia nada.

É verdade que eu não poderia acompanhar o que diziam. Mas as notas falsas que eu ouvia nas suas vozes me davam medo. Então, estou escondido numa insensibilidade a tudo que vem em minha direção e permaneço com o corpo que não me pertence, é deles.

Meu destino mudou subitamente. Jamais vou me esquecer disso.

Minha mãe, como sempre, rendia homenagem ao saber da ciência que me tinha curado e eu, que procurava meu lugar, não conseguia um lugar. Eu sabia de cor o refrão do progresso científico.

¹ Comunicação em Roma, em 27 de maio de 2007, no quadro do Colóquio da Convergência “O inconsciente e a modernidade” do qual participaram as seguintes associações: Après-Coup, Nodifreudiani (organizador), Insistance, Dimension de la Psychanalyse, Corpo Freudiano, École de Psychanalyse Sigmund Freud.

² Jean-Luc Godard, René Vautier: “*Au nom des larmes dans le noir*”. *Echange sur l'histoire, l'engagement, la censure*. [“Em nome das lágrimas no escuro. Troca sobre a história, o engajamento, a censura”] Documentos de Jean-Luc Godard, Centro Pompidou, maio de 2006, p. 41.

De repente, eu ouvi, na voz daquele que se tornava imediatamente meu psicanalista, alguma coisa que me fez parar. Eu estava acabado, sem voz.

Ainda que ele dissesse à minha mãe que eu não tinha segredo e que ela não compreendia, como sempre, imediatamente ouvi, antes de pensar, uma presença na sua voz que pressupunha a existência de um Outro mundo.

Eu olhei para ele, ele me olhou, sorri para ele, ele me sorriu.

“Não esquecerei jamais essa imagem que fala silenciosamente.”

Julien se retira. Ele acaba de compreender que se refugiou num esconderijo para se proteger do olhar desmesurado da ciência lançado sobre ele. Ele ainda não sabia que esperava a aparição do tempo em que uma única inflexão na voz do Outro faria repercutir, no núcleo das palavras que comentam as imagens, o real do silêncio das “palavras que não são deste mundo.”³

O psicanalista sorri deste modo, *modo*, que a língua latina transmite como o tempo em que a presença e a ausência se afinam no sentido quase musical do termo.

A modernidade (*modernus*⁴) aí se origina, a língua o diz, ela não é um tempo histórico; ela é o nome do momento a-histórico em que o frêmito do novo de entrelaça ao eterno.

“A modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável”, protesta Baudelaire em 1863.⁵

O psicanalista a supõe como o tempo em que se sussurra ao sujeito sob forma do significante qualquer coisa que faça manter unido (*sintoma*) o que não podia senão sucumbir unido (*sim-toma*).

O inapreensível⁶ é o silêncio que retorna à língua onde, na noite que cai sobre os cenários da cena do mundo, os seres imateriais que sofrem por não serem reconhecidos como significantes, se rejubilam por representar uma peça inaudita e invisível:

“*Fiat lux*”

Roma, 28 de maio de 2006

³ Hugo von Hofmannstahl. *Les mots ne son pas de ce monde. Lettres à un officier de marine* [“As palavras não são deste mundo. “Cartas a um oficial de Marinha”]. Rivages Poche. Petite Bibliothèque, Payot, p. 126.

⁴ O termo *modernus* aparece no século VI, em Cassiodoro.

⁵ Baudelaire, *Le peintre de la vie moderne* [“O pintor da vida moderna”]. Critique d’art. Folio Essais, 2005, p. 355.

⁶ Jean Chamoille. Ariabelissima. Dialogue entre l’artiste et le psychanalyste (suite) [“Ariabelissima. Diálogo entre o artista e o psicanalista” (continuação)]. Insistance 2 (no prelo).

